

# PROCESSOS EDUCATIVOS INTERGERACIONAIS ENTRE AVÓS E NETOS NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19

Júlia Soso de Azevedo<sup>1</sup>

Prof. Dr. Delcio Antônio Agliardi <sup>2</sup>

## Resumo

O presente texto resulta de um projeto de pesquisa, que faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso, que investigou os processos educativos intergeracionais entre avós e netos, a partir da dimensão da convivência no período da pandemia da Covid-19. A metodologia de natureza qualitativa e o método exploratório serviram de inspiração para a construção dos dados empíricos, por meio de entrevistas *on-line* semiestruturadas. Estas foram realizadas por intermédio de aplicativo de conversa com oito perguntas abertas, as quais serviram de fonte para embasar o diálogo. A amostra é constituída por sete avós idosas. O tempo de convivência que as avós estão tendo com os netos no período da pandemia tornou-se um elemento qualificador de aprendizagens, considerando que a presença é de maior tempo. Nas entrevistas, surgiram vozes afirmando que o cuidado das crianças fica sob responsabilidade, principalmente, das avós, pois, mesmo sendo casadas ou morando sozinhas, são elas que oferecem cuidado às crianças pequenas. As avós desta pesquisa ao serem perguntadas sobre o que aprenderam com seus netos na convivência em época de pandemia, em sua maioria, responderam: ter paciência e se reinventar. A saudade e o vazio são os sentimentos que predominam entre elas, quando ficam longe das crianças. Se constata a aprendizagem por interação, como, por exemplo, os simples momentos em que acontece a transmissão de saberes e fazeres, como uma herança da cultura familiar e comunitária de geração para geração. Assim, há a motivação diária para o dia seguinte, a busca por brincadeiras e atividades novas, mas, acima de tudo, o pensamento e a empatia com o outro. A significação de relação para além de parentesco, mas de amizade, companhia e diversão.

**Palavras-chave:** Processos Educativos Intergeracionais. Convivência. Avós. Netos.

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto resulta de um projeto de pesquisa, que faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso, que investigou os processos educativos intergeracionais entre avós e netos, a partir da dimensão da convivência no período da pandemia do coronavírus (Covid-19). A metodologia de natureza qualitativa e o método exploratório serviram de inspiração para a construção dos dados empíricos, por meio de entrevistas *on-line* semiestruturadas. Estas foram realizadas por intermédio de aplicativo de conversa com oito perguntas abertas, as quais serviram de fonte para embasar o diálogo (APÊNDICE A). A amostra intencional por conveniência é constituída por narrativas de sete avós idosas. A análise dos dados foi realizada na

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

<sup>2</sup> Professor orientador.

perspectiva qualitativa, com respostas não objetivas, valorizando o ponto de vista, as opiniões e as considerações de cada indivíduo, além de explorar o conteúdo pesquisado. Ao buscar novas percepções e entendimentos sobre a natureza da pesquisa, ressaltam-se os processos educativos intergeracionais voltados à aprendizagem e ao desenvolvimento. Explorei a importância, os benefícios e as características da convivência entre gerações em tempos de pandemia.

Para análise, categorização e escrita dos resultados da pesquisa empírica, utilizei os ensinamentos de Roque Moraes e Maria do Carmo Galliazi, na obra *Análise textual discursiva* (2011). A seguir, estão descritas as categorias representativas que emergiram da pesquisa de campo e que se encontram em diálogo com o referencial teórico. A primeira categoria, intitulada *Processos educacionais vividos na convivência durante a pandemia*, surge da perspectiva, das situações educacionais vividas no cotidiano das gerações, tais como os momentos educacionais que acontecem em conjunto, brincadeiras, atividades e interações entre avós e netos. A segunda categoria, denominada *Avós idosos e a responsabilidade pelos cuidados das crianças no cotidiano educativo não formal*, discorre sobre os cuidados que as avós têm com seus netos e netas, as tarefas do dia a dia, a rotina e as obrigações, os processos educativos não formais (BRANDÃO, 2007) e o convívio integral com eles.

Já a terceira, os *Processos de aprendizagem na relação intergeracional*, faz emergir o amor de vó, os momentos de aprendizagens que perpassam gerações, a reinvenção e a empatia pelo outro. Por fim, a quarta categoria, *Sentimentos no convívio entre avós e netos na pandemia*, retrata o sentimento dessas avós, na faixa etária dos 57 aos 75 anos de idade, quando não estão mais na companhia de seus netos, o sentimento por precisarem se afastar por um longo período, a importância que as avós possuem nas nossas vidas e o amor delas, que traz benefícios para todos.

## **2 PROCESSOS EDUCACIONAIS VIVIDOS NA CONVIVÊNCIA DURANTE A PANDEMIA**

O tempo de convivência que as avós estão tendo com os netos no período da pandemia tornou-se um elemento qualificador de aprendizagens, considerando que a presença é de duração maior, se comparada com outras épocas. Estudos

demonstraram que jovens que aprendem com idosos possuem atitudes mais positivas e realistas quanto à geração mais velha, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2005).

Os resultados da pesquisa revelam que as avós e os netos se ocupam de atividades, como brincar de pega-pega, esconde-esconde e "casinha", correspondendo a 43,8%. Aparece ainda o gosto por cozinhar, com 25%, o que aponta seus interesses em sempre aprenderem mais. Também apresentam interesse por trabalhos manuais, nos quais plantam, fazem artesanato, pintura, manipulam massinha de modelar, entre outras atividades que as avós pesquisam para fazer com os netos. Isso equivale a 18,8%. E, por fim, ajudam em atividades de limpeza da casa, totalizando 12,5%.

Chama a atenção pelo interesse das crianças em cozinhar e fazer parte desse momento. Por mais que a brincadeira seja a atividade mais realizada com a intenção de preparo de alimentos para a família, nas narrativas das avós se veem um maior afeto. Relata a avó Joana<sup>3</sup>: "Adoram cozinhar comigo, fazemos muitas coisas juntos. Fazem, praticamente, toda a tarde o lanche, fazem bolo, churros, *cupcake*, pastel e ajudam a fazer tudo. Na hora do almoço participam também. Fazemos lanche e almoço juntos". E relata a avó Maria: "É farinha *pra* tudo que é lado, ele quebra os ovos, arruma as coisas. Espera os pais contente para mostrar o que cozinham e que ele ajudou. Se ele não estivesse aqui, eu não estaria fazendo". Como mostra o documento da Política Nacional do Idoso (BRASIL, 2013, p. 13) no Art. 10 do Capítulo IV, em que menciona as Ações Governamentais:

Na implementação da política nacional do idoso, são competências dos órgãos e entidades públicos: [...] VII - na área de cultura, esporte e lazer: [...] d) valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens, como meio de garantir a continuidade e a identidade cultural.

Essa situação está em diálogo com os estudos sociointeracionista (Vygotsky e Wallon), isto é, a aprendizagem é feita a partir das interações sociais, um aspecto elementar no desenvolvimento ativo. O discurso de Heloísa diz que: "Aprender a ver o crescimento deles foi uma coisa maravilhosa. Leitura, interpretação, dramaticidade fez muito bem para eles". Vê-se nisso a beleza e a importância desse momento

---

<sup>3</sup> Os nomes são fictícios para preservar a identidade das avós.

juntos, já que a transmissão de informações e habilidades de geração para geração são necessárias para a continuação da identidade cultural, familiar e social.

Temos a percepção de que a pessoa idosa se vê ativa nessa convivência, pois faz com que reconheçamos a importância das relações e do suporte entre familiares e gerações diferentes, como presume a OMS (2005). Há uma aprendizagem e construção de conhecimentos mútua, os processos educacionais, nesse sentido, variam de geração para geração, porém dentro da realidade de cada um se constroem novos saberes. Para Moreira (2011 apud DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 280-281):

[...] "os processos mentais superiores do indivíduo têm origem em processos sociais". O autor também retrata que é por meio da interação social, isto é, no contato com os pais, os avós, com outras crianças, com professores, por exemplo, que o sujeito irá apropriar-se e internalizar os instrumentos e os signos e, conseqüentemente, desenvolve-se cognitivamente.

Vemos, então, a importância desse contato e dos processos educacionais, bem como o desenvolvimento que acontece nessa relação. São percebidos fatores positivos para o amadurecimento de ambos e também benefícios físicos que podem resultar do convívio com pessoas de idades diferentes, possibilitando a realização de novas, ou já esquecidas, ações de criança.

No que diz respeito às percepções das avós durante o convívio com as crianças, dizem estar tentando reparar, de alguma forma, a ausência social que as crianças estão tendo sem as aulas presenciais nas escolas nesse período. Segundo Diesel, Baldez e Martins (2017, p. 771), as metodologias de ensino e aprendizagem devem partir da percepção de como esse sujeito aprende. A partir disso, as idosas perceberam a falta da aprendizagem pelo convívio e, assim, trouxeram outras atividades e elementos que pudessem contribuir, como, por exemplo, brincadeiras que ensinam a dramaticidade.

Constata-se então o conhecimento de que agora eles são seres globais, pois "vivem conectados e imersos em uma quantidade significativa de informações que se transformam continuamente, onde grande parte delas, relaciona-se à forma de como eles estão no mundo." (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 273). Visto isso, conecta-se ao que vínhamos abordando antes: as aprendizagens intergeracionais nos lares são significativas, assim como as escolares. Embora

sejam diferentes, ambas são importantes pois se relacionam com a forma de viver no mundo.

As crianças têm limites e pedem por eles. Heloísa retrata: "Eles têm limites e passam para nós; é muito útil dizer agora deu, agora é tempo disso, agora é tempo daquilo e eles saberem até aonde vai. Isso eu aprendi com eles". Assim, 50% das avós entrevistadas dizem que aprenderam a ter mais paciência com seus netos e que necessitaram se reinventar a cada dia, ainda mais agora que tudo deve ser feito dentro de casa e sem a convivência com amigos. Expressam alegria e entusiasmo por viver e aproveitar o momento da melhor forma possível. Diz a avó Maria o que a encanta: "Ele tem uma alegria de viver".

Na concepção de Vygotsky, a interação social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, por provocar constantemente novas aprendizagens a partir da solução de problemas sob a orientação ou colaboração de crianças ou adultos mais experientes. (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 281)

Para 50% das avós entrevistadas, os netos pedem por limites e a necessidade de incentivo educacional no cotidiano. Parte-se da visão de Diesel, Baldez e Martins (2017) os quais referem que as pessoas precisam de momentos de aprendizagem que façam sentido para elas e que proporcionem experiências ligadas às suas condições de vida. Conforme os autores: "Com o método ativo: só se aprende o que se pratica; mas não basta praticar, é preciso haver reconstrução consciente da experiência; aprende-se por associação; não se aprende nunca uma coisa só; toda aprendizagem deve ser integrada à vida." (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 282). Assim, formulam suas opiniões, ouvem outras, refletem e argumentam.

Outro aspecto citado pelas avós é a tentativa de trazerem as crianças para perto, para que participem das decisões do dia a dia, da casa, das tarefas, entre outros episódios. A OMS (2005) já prevê o apoio no contato entre as diferentes gerações e, mais ainda, a interdependência entre elas.

### 3 AVÓS IDOSAS E A RESPONSABILIDADE PELOS CUIDADOS DAS CRIANÇAS NO COTIDIANO EDUCATIVO NÃO FORMAL

Na busca por encontrar avós ou avôs para uma entrevista semiestruturada *on-line*, livre e esclarecida, para a pesquisa de campo que embasa meu problema de pesquisa, encontrei sete avós. Na entrevista, surgiram vozes afirmando que o cuidado das crianças fica sob responsabilidade principalmente das avós, pois, mesmo sendo casadas ou morando sozinhas, são elas que oferecem cuidado às crianças pequenas. Segundo o documento *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* (OMS, 2005, p. 19): "O papel tradicional das mulheres como responsáveis pelos cuidados com a família também pode contribuir para o aumento da pobreza e de problemas de saúde quando ficam mais velhas". Percebe-se, então, como esse cenário é comum em algumas classes sociais (B e C), considerando que estas são responsáveis pelos cuidados da família, até mesmo daquelas que já não moram mais junto delas. São as avós que carregam esse papel familiar quase que inconscientemente.

É importante refletirmos a necessidade de:

Reduzir as iniquidades na participação de mulheres- Reconhecer e amparar a importante contribuição que as mulheres mais velhas dão nas famílias e comunidades através dos cuidados e da participação na economia informal. Permitir a participação integral das mulheres na vida política e nos processos de tomada de decisão. Oferecer educação e oportunidades de aprendizagem para as mulheres idosas, do mesmo modo como são dadas aos homens. (OMS, 2005, p. 52-53)

Frequentemente, essas mulheres, que estão nessa posição de responsabilidade familiar, são esquecidas, deixadas de lado e sem oportunidades de mudança e melhora na vida em geral. Podemos enxergar essas mulheres e suas reais necessidades. Elas têm o direito de participar e contribuir com a família e a sociedade, mas também possuem o direito de oportunidades de educação, lazer e aprendizagem. Confirmamos nesta pesquisa que as avós ocupam funções e responsabilidades diferentes dos avôs, muitas vezes, de pré-ocupação contínua e diária, já que os avôs ocupam outras funções familiares e têm oportunidades diferentes daquelas dadas às mulheres.

Como expressado pelas entrevistadas, elas se sentem sobrecarregadas com as demandas da casa, família e, ainda, com o cuidado dos netos. Como mencionado

por Sabrina: "É tudo cronometrado". Elas não levam isso como um fardo, mas um sentimento que precisa ser ouvido. Segundo a OMS (2005, p. 19): "Algumas mulheres são forçadas a largar o trabalho remunerado para assumir os cuidados com a família. Outras nunca têm acesso ao trabalho remunerado, já que cuidam de filhos, pais idosos, cônjuges e netos em tempo integral".

Esse cuidado em tempo integral requer um trabalho que nem sempre é visível e reconhecido socialmente. Os cuidados das crianças na pandemia se tornaram intensos de modo a não requererem somente atenção e carinho das avós, mas, também, cobranças e rigidez, um papel semelhante ao dos pais. A voz de Maria confirma o enunciado acima:

A minha sobrecarga é no período da aula, tenho que ajudar ele nas atividades e ele não tem foco. Eu quero que ele voe para o futuro e agora estamos com essa dificuldade da pandemia. Eu acho que ele vai ter perdas no aprendizado, não sei se serão recuperáveis, mas não sei se não vai prejudicar o desenvolvimento dele, porque eu não consigo ajudar às vezes.

O envelhecimento, dessa forma, necessita ser ressignificado, pois as relações tomaram outros significados. Segundo Webber e Celich (2007 apud SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012, p. 650-651):

A educação de idosos permite uma ressignificação das experiências anteriores à velhice e, principalmente, das vivências experimentadas durante o curso de vida. Assim, o envelhecimento assume significados diferentes, permitindo que o idoso reveja seu projeto de vida, seus ideais e expectativas, fazendo com que experimente maior liberdade, expresse-se de forma autônoma e exerça sua cidadania.

Com a chegada da pandemia do Covid-19, os projetos de vida foram todos alterados, assim como as expectativas, os planos e as ideias, que necessitaram de mudanças. Por isso, da mesma forma, esse encontro e processos educativos e de cuidados entre as gerações precisam ser repensados, avaliados e compreendidos à luz de novas significações, novas formas de contato e também novas aprendizagens, já que a relação não é a mesma que a anterior. Existem novas medidas de proteção a serem tomadas para além das anteriores, o isolamento domiciliar se difere de uma vida com muitas possibilidades de experiências.

De acordo com as entrevistas realizadas, 42,85% das avós ficam em média 12 horas por dia como as responsáveis pelo cuidado das crianças. Isso demanda tempo, planejamento e organização, pois além das crianças há a demanda da casa

e do restante da família, que, muitas vezes, dependem dessa mulher para certas atividades. Há pouco tempo para o cuidado de si mesmas, como exposto anteriormente, elas estão sobrecarregadas.

Além de toda a demanda familiar, muitas idosas tornaram-se responsáveis pela parte educacional dos netos. O que significa uma dupla responsabilidade: cuidar e educar a criança. Por isso, "programas e políticas de envelhecimento ativo reconhecem a necessidade de incentivar e equilibrar responsabilidade pessoal (cuidado consigo mesmo), ambientes amistosos para a faixa etária e solidariedade entre gerações." (OMS, 2005, p. 18). Porém, são elas que acompanham as aulas *on-line*, que ajudam nas tarefas de forma síncrona e nos deveres de casa, por isso, a rotina dessas avós estão agravadas com as responsabilidades assumidas informalmente para o desenvolvimento saudável e integral dos seus netos e netas.

Na perspectiva da OMS (2005), a cultura em que estamos imersos é uma questão essencial para determinar se a convivência com gerações mais novas será um estilo de vida preferido ou não. Os resultados da pesquisa sugerem que a responsabilidade é cultural, de modo que a obrigação dessa responsabilidade, que permeia a nossa cultura, seja uma questão relevante. Essa relação se refere ao modo com que as avós estão lidando com esse cuidado integral das crianças e da família. A Figura 1 mostra, por meio de um gráfico, a frequência do convívio intergeracional na pandemia, de acordo com as entrevistas realizadas.

Figura 1 – Frequência de convívio

Frequência do convívio intergeracional na pandemia



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Conforme a Figura 1, percebe-se que três das sete avós entrevistadas relataram que, devido à pandemia do Covid-19, tiveram a oportunidade de viver mais próximas de seus netos, enquanto uma precisou se afastar. Trata-se de um paradoxo em termos de oportunidade e ameaças à convivência entre avós e netos, já que é muito importante a convivência e companhia um do outro, mas, por questões de saúde, é necessário o isolamento e o distanciamento entre pessoas, mesmo que sejam da mesma família. As outras três já mantinham essa convivência antes da pandemia. Nota-se que o isolamento social também gerou pontos positivos nas relações intergeracionais nas famílias. Estas tiveram a oportunidade de vivenciarem momentos que antes não seriam possíveis por conta de horários e demandas exclusivas do núcleo familiar. Agora, com a saída dos pais para o trabalho e as aulas síncronas das crianças, a função da avó, como quem cuida e educa, possibilitou aprendizagens não escolares, que geraram saberes novos para ambas as gerações. No Estatuto do Idoso (BRASIL, 2013, p. 11) consta que "O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos [...] a participação na vida familiar e comunitária". Portanto, entende-se que todo esse processo vivenciado é garantido por direito e não deve ser uma exceção, ou seja, mesmo em tempos não pandêmicos, o contato entre avó e neto é garantido.

Nesses casos, em que as famílias precisaram alterar o seu funcionamento, se descobre a necessidade de: "aprender a conviver, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerenciar conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz" (DELORS et al., 2010, p. 31).

Aprender a conviver é um dos pilares da educação do século XXI, presente no Relatório da Unesco (DELORS et al., 2010). Dessa forma, esse novo modelo de convivência e interação familiar é oportunizado também como um momento educacional e de aprendizagens não formais (BRANDÃO, 2007).

A convivência diária com seus netos gerou uma motivação maior nas avós para o dia seguinte, uma expectativa, preparação, planejamento e organização. A avó Telma fica longe fisicamente de seus netos por bastante tempo, mas relata que quando sabe que eles irão visitá-la, como diz: "Eu vou lá e compro as comidas que eu sei que eles gostam". Segundo a OMS (2005), os idosos devem e necessitam permanecer trabalhando sua criatividade e flexibilidade. Situação essa que proporciona as duas ações.

Gera-se muita expectativa com a chegada das crianças. Isso propicia um envelhecimento ativo e também com propósito. Sendo assim, "pensar a educação em uma perspectiva geracional significa enraizá-la em seu pertencimento social, atribuindo-lhe sentidos mais amplos, fortemente pautados no movimento das interações sociais." (TOMIZAKI, 2010, p. 342). A interação intergeracional desmistifica a velhice incapaz, as posições hierárquicas autoritárias e as incapacidades e nos mostra as potencialidades de aprendermos juntos.

Constatamos que mulheres viúvas se sentem mais acolhidas e felizes com a companhia dos netos, como relata Maria: "A gente se uniu bastante, ponto muito positivo". Já as mulheres casadas se sentem não menos felizes, mas mais cansadas e com pouco tempo para si mesmas. "Solidão, isolamento social, analfabetismo e falta de educação, maus tratos e exposição a situações de conflito aumentam muito os riscos de deficiências e morte precoce." (OMS, 2005, p. 28). Novamente, há um ganho nessa convivência intergeracional exigida pela pandemia. As idosas que permaneceriam sozinhas em seus lares receberam novas companhias para os dias que seriam solitários e que poderiam causar diversas adversidades, já que é cultural que mulheres viúvas sejam frequentemente excluídas socialmente, segundo a OMS (2005).

Aquelas que possuem maridos carregam nas suas vidas demandas de vida socialmente impostas pela diferença de gênero. Por isso, "todas as políticas precisam apoiar a solidariedade entre as gerações e incluir metas específicas para reduzir as iniquidades entre homens e mulheres e entre diferentes subgrupos da população mais idosa." (OMS, 2005, p. 46). É nessas relações intergeracionais que se constroem novos paradigmas e funções familiares, posto que se aprende que a mulher não deve necessariamente ser responsável por tudo e por todos, se assim o desejar. Dessa forma, como sugerido pela OMS (2005), os serviços de saúde mental deveriam ser exercidos integralmente na assistência a longo prazo, visto que é executado um papel fundamental no envelhecimento ativo e saudável.

#### **4 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NA RELAÇÃO INTERGERACIONAL**

As avós desta pesquisa ao serem perguntadas sobre o que aprenderam com seus netos na convivência em época de pandemia, em sua maioria, responderam: ter paciência e se reinventar. A avó Telma relatou que, com a chegada da pandemia

e o distanciamento social, precisou aprender a manter o contato de outras formas e dar valor para outros momentos. Já outras três relataram aprender aspectos, como ter mais paciência, união, afeto, amor, gratidão e carinho. Como diz a avó Heloísa: "O carinho me fez muito bem, preencheu todos os vazios que eu tinha". Três delas não souberam responder.

O documento *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*, da OMS (2005, p. 27), menciona que: "Saber superar adversidades determina o nível de adaptação a mudanças (como a aposentadoria) e a crises do processo de envelhecimento (a privação e o surgimento de doenças)". Essas são características que estamos desenvolvendo: a reinvenção e a adaptação nesse novo cenário em que nos encontramos. Neste, a vida se tornou mais particular, porém não menos compromissada. Para alguns, mais próxima da família, enquanto outros precisaram compreender a situação e, assim, se distanciar.

Conforme Smits e cols. (1999 apud OMS, 2005, p. 26): "Os fatores psicológicos, que incluem a inteligência e capacidade cognitiva (por exemplo, a capacidade de resolver problemas e de se adaptar a mudanças e perdas), são indícios fortes de envelhecimento ativo e longevidade". Isso faz parte da capacidade de resiliência dos seres humanos, que, na velhice e na infância, se faz extremamente necessária para nos adaptarmos ao mundo.

Estar integrado às demais gerações faz parte da lei, conforme o que está prescrito no Art. 4 do Capítulo I, da Política Nacional do Idoso (BRASIL, 2010, p. 6): "viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações". A integração entre diferentes gerações gera aprendizagens especiais, momentâneas e para a vida, além de "estimular os idosos a se tornarem modelos de envelhecimento ativo e mentores para os jovens." (OMS, 2005, p. 52). Aprendizagens, por exemplo, de como entrar na aula *on-line*, mas também de como fazer um pão ou de como envelhecer ativamente e com criatividade. Assim, ressalta-se que as avós brincam, fazem festa e procuram atividades novas.

O mais gratificante e positivo de tudo, segundo as quatro avós, é poderem ver de perto os netos crescerem integralmente. Como menciona Maria: "Pude conhecer ele melhor [...] Tu acompanha ele no desenho, na alimentação, isso aproximou muito a gente". É o cuidado e a companhia. Ver e entender os seus processos, como evoluem na escola, nas brincadeiras, nas conversas e interações; perceber como

eles crescem rápido fisicamente e como o tempo também passa rápido. Mannheim (1990 apud TOMIZAKI, 2010, p. 341) citado no texto *Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional* refere que:

O essencial em todo processo de transmissão é que a nova geração cresce imersa em comportamentos, sentimentos e atitudes herdadas. E essa herança será transmitida para a nova geração em um processo de “mão dupla”: “não é somente o professor que educa o aluno, mas também o aluno educa o professor. As gerações se influenciam mutuamente”. Vale destacar ainda que o autor estabelece uma nítida diferença entre o que é aprendido por meio da “instrução” ou ensino e toda uma gama de “conteúdos e atitudes” transmitidos e herdados de modo inconsciente, que seriam os mais importantes para o fenômeno geracional. Assim, a coesão das unidades geracionais pode ser entendida como o resultado da socialização.

Tal escrita suscita o que são os processos intergeracionais e a importância destes. A conexão e a ligação entre gerações é o que possibilita herdar a cultura e é o que nos possibilita socializar entre os diferentes. Quando as avós relatam que ficam felizes em ver o crescimento dos seus netos, também estão felizes em visualizarem um pouco de si em cada um deles e o que foi herdado.

É visível que cada família possui uma forma, tempo, nível e intimidade distinta em sua convivência. Enquanto uns se veem praticamente todos os dias, o dia inteiro; outros se veem a cada 15 dias ou, então, os encontros são marcados somente por visitas. Segundo Tomizaki (2010), as experiências criam laços entre os indivíduos no fenômeno geracional e atingem cada um com intensidades diferentes. Assim, essas experiências são, às vezes, concretas e, às vezes, simbólicas. Além disso, podem ser vivenciadas de forma subjetiva. Ou seja, aprende-se em brincadeiras, nas aulas *on-line* e quando cozinham, por exemplo. Porém, podem aprender também na valorização de outros momentos e possibilidades de encontro; na vídeo chamada à distância; no afeto e cuidado das pequenas coisas; na preparação e organização para a recepção dos netos no dia seguinte e na ajuda com a limpeza do lar.

Nesse processo de convivência intergeracional, muitos dos netos “preencheram vazios”, como dito pela avó Heloísa. Eles são uma companhia, uma distração, pois, se não fosse por eles, estariam sozinhas. “O rompimento de laços pessoais, solidão e interações conflituosas são as maiores fontes de estresse, enquanto relações sociais animadoras e próximas são fontes vitais de força emocional.” (OMS, 2005, p. 28-29). Por morarem em lares separados ou pela

dinâmica familiar da criança, em tempos em que a pandemia não existia, a convivência de forma tão frequente também não existia, visto que iam para a escola e para os demais programas. Enquanto, agora, as famílias recorreram a essa ajuda materna, que se intensificou na maioria dos casos.

Isso significa que "a maioria das pessoas fica bem-humorada à medida que envelhece e, em geral, os idosos não diferem muito dos jovens no que se refere à capacidade de solucionar problemas." (OMS, 2005, p. 27). As crianças trazem vitalidade, "vida para a casa", desafios e reinvenções frequentes. Trazendo para as idosas à possibilidade de interagirem e desfrutarem da felicidade e alegria que a criança proporciona, enriquecendo mais ainda o envelhecimento ativo e saudável.

Com o contato mais próximo e frequente, aprenderam juntos, como diz a avó Joana, a: "fazer de cada momento o melhor que pudermos". Maria também corrobora: "Vai ficar na lembrança dele esse momento, ele era muito apegado ao meu marido que faleceu, então ele comenta muitas coisas durante o dia sobre o que o avô gostava e fazia. Então, eu acho que isso vai deixar marcas para ele, que ele vai levar para a vida". Processos que correspondem à educação não escolar são importantes para o desenvolvimento da criança, bem como para o envelhecimento saudável da avó. Prescrito como um dos pilares da educação no Relatório da Unesco está:

Aprender a ser, para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. (DELORS et al., 2010, p. 31)

São relações que engrandecem ambas as gerações. Leva-se em consideração as suas potencialidades e perceber as do outro, por meio da comunicação, da responsabilidade e da autonomia. Importante lembrar que tudo serve de exemplo, já que "a criança de ontem é o adulto de hoje e o avô ou avó de amanhã." (OMS, 2005, p. 13). Vemos tais ações acontecendo nas tardes juntos, nas atividades que praticam, nas conversas e nos momentos.

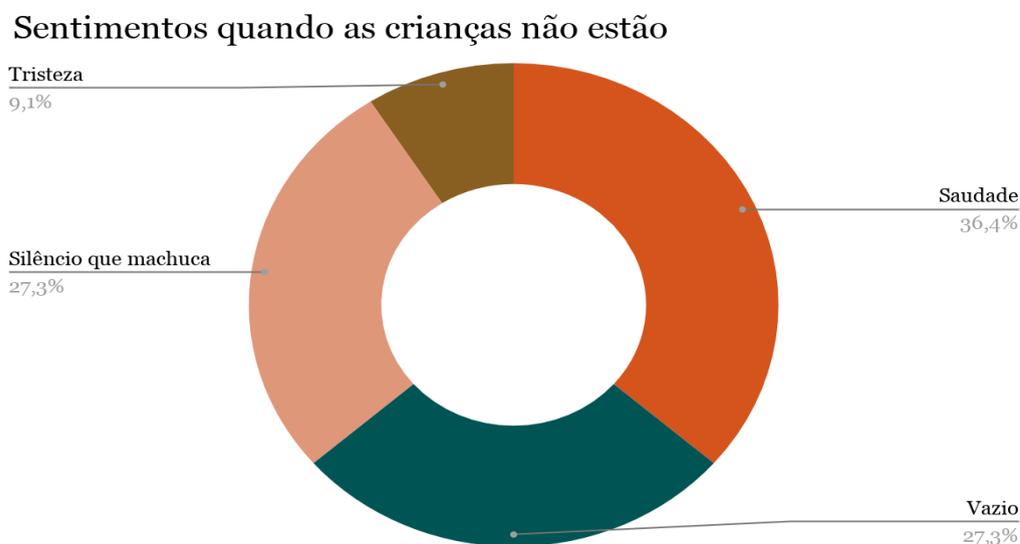
O sentimento de importância é pronunciado pela avó Joana: "Como avó a gente pode e deve ajudar. E eu me sinto muito importante com esse papel". Importante por propiciar cuidado, afeto e amor; pela família em "reconhecer e

defender o papel importante e as responsabilidades dos avós." (OMS, 2005, p. 52). Como dizem as avós: "é o amor mais puro que tem". Ter esse amor em mãos, sob seus cuidados, tendo a oportunidade, a responsabilidade e a felicidade de passar ensinamentos e viver momentos tão preciosos com eles, faz as tardes e as suas vidas mais cheias de significado.

## **5 SENTIMENTOS NO CONVÍVIO ENTRE AVÓS E NETOS NA PANDEMIA**

A saudade e o vazio são os sentimentos que predominam entre as avós, quando ficam longe dos netos. Três delas responderam de imediato ao serem perguntadas sobre o sentimento que fica quando as crianças não estão: "vazio". Outras duas disseram, como Heloísa: "um silêncio que machuca" e, também, como a avó Maria: "Hoje, por exemplo, a casa *tá* um silêncio e eu acostumei com ele me chamando. Sinto esse vazio, parece que a qualquer momento ele iria precisar de mim", entre outras respostas. O isolamento social e a solidão na velhice estão ligados a um declínio de saúde tanto física quanto mental (OMS, 2005). E, de fato, isso acontece, o que foi notório em suas respostas. Mesmo aquelas que ainda têm uma convivência contínua e diária são afetadas pela solidão. É inimaginável o sentimento da avó que precisou se afastar dos seus netos em consequência da pandemia e, ainda, vivencia o distanciamento social, visto que ela faz parte do grupo de risco. O isolamento e a solidão se fazem muito presentes em sua vida, de modo que há a necessidade de buscarem novas motivações. A Figura 2, por meio de um gráfico, retrata os sentimentos das avós, a partir das respostas obtidas na entrevista.

Figura 2 – Sentimentos das avós



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Sabemos que o processo de envelhecimento provoca consequências e declínios naturais no corpo físico e mental, como, por exemplo a diminuição do funcionamento cognitivo. Porém, o envelhecimento pode ser acentuado por doenças, fatores comportamentais, fatores psicológicos, falta de confiança, autoestima baixa e fatores sociais, nos quais entram a solidão e o isolamento. Segundo a OMS (2005), isso tudo é mais agravante do que o envelhecimento em si.

Pensamos que, antes da pandemia do Covid-19, algumas das avós participavam de grupos de atividades para a terceira idade. Outras, por sua vez, tinham “conversas de cerca” com as vizinhas, caminhavam no parque, passeavam e realizavam muitas outras atividades. Agora, a sua socialização é baseada na família e, para algumas, nem isso. O contato com as pessoas reduziram-se aos netos e filhos. Essa é a nova realidade: solitária, às vezes, mas necessária.

São vozes convergentes. Heloísa diz que: "o amor de vó é diferente do amor de mãe, meio sem responsabilidades, sem cobranças. Um amor sem esperança, é aquele amor puro, o melhor que existe" e Sabrina complementa: "Amor indescritível". As avós sentem que podem viver os melhores momentos com seus netos, como o amor de mãe, só que melhor. Há uma pesquisa que nos traz a "Hipótese das Avós", publicada na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences* (PNAS), com o artigo: *How grandmother effects plus individual variation in*

*frailty shape fertility and mortality: Guidance from human–chimpanzee comparisons.* Neste, Hawkes (2010) estudou como as avós afetaram a variação individual da forma que se dá a fertilidade e mortalidade humana. Estudou isto correlacionando a história da humanidade e das civilizações, por meio de comparações entre humanos e chimpanzés.

O estudo mostrou que o amor de avó possibilitou que as mulheres vivessem até muito tempo depois do período fértil. Isso, pois com as avós cuidando dos filhos recém-desmamados, os quais ainda necessitam de cuidados, foi possível que as mães pudessem ter o próximo filho mais cedo, sem afetar a sobrevivência dos anteriores. Dessa forma, as anciãs mais vigorosas, por meio do sucesso reprodutivo que obtiveram das suas filhas, espalharam seu envelhecimento somático e mais lento para seus descendentes. A vida adulta chegou mais cedo, ou seja, amadurecemos antes, o que atrasa a maturidade.

O que acontece na pandemia é a convivência próxima, o amor incondicional e o cuidado integral (alimentação, banho, higiene, brincadeiras, cuidar dos machucados): é o reflexo da evolução da nossa espécie. As avós estão cuidando de seus netos para que as mães e famílias possam dar continuidade às suas vidas e ao desenvolvimento. Porém, muitas possuem o medo de perder essa relação de avó e neto, por conta da necessidade de cobrar respostas e atitudes que deveriam ser papel dos pais.

A socialização, nessa perspectiva, como dito anteriormente, torna-se fatalmente um encontro de gerações, um encontro necessário e incontornável, no qual, entre disputas e alianças, diferentes gerações definirão, umas em relação às outras, as continuidades e rupturas de determinados “modos de geração”. Sendo assim, os processos socializadores são parte constitutiva da “dinâmica das gerações”, no sentido dado por Attias-Donfut a este termo. (TOMIZAKI, 2010, p. 342)

Elas são, em determinadas famílias, responsáveis por um conjunto de atividades de vida diária que integram a vida educacional das crianças, pois acompanham as aulas *on-line*, ajudam nas atividades de casa e contribuem com tudo relacionado a isso. Já outras avós se negaram a ter esse tipo de responsabilidade, justamente por acreditarem que são deveres dos pais. Para não perderem o afeto de avó, faziam trabalhos e atividades que se relacionassem aos estudos da escola, todavia nada era feito por cobrança. Heloísa nos trouxe:

Os pais não têm paciência nenhuma, porque eles não sabem trabalhar com criança, educação, conhecimento. Eles queriam que as crianças aprendessem tudo ontem e não é assim. A relação de pais e filhos ficou prejudicada. A minha de avó aumentou, mas porque eu tenho uma experiência profissional.

Aquelas que cuidam integralmente de seus netos(as) sentem falta de terem uma relação de avó e neto(a) sem outras obrigações. De compartilharem momentos de brincadeira e descontração. Como previsto no Estatuto do Idoso (BRASIL, 2013, p.17), no Capítulo IV, referente à educação, cultura, esporte e lazer, o parágrafo 2, coloca que: "Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e das identidades culturais". Atividades que se encontram suspensas e que poderiam compartilhar com seus netos, familiares e amigos.

Todos os dias eles aprendem algo novo juntos. Indo ao encontro de Natália Nunes Scoralick-Lempke e Altemir José Gonçalves Barbosa, no texto *Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span* (2012, p. 652), os autores referem que: "A educação permanente é uma questão vital para a continuidade do processo de desenvolvimento por permitir que o indivíduo continue ativo e participante em sua comunidade". As aprendizagens de todos os dias são cheias de significações para ambos. Quando dizemos que a educação é permanente, este é exatamente o processo educacional que as avós citam acontecer: aprender questões aplicadas na aula *on-line*, mas também questões subjetivas do dia a dia.

As crianças ensinam e aprendem com os avós, assim como as avós com os seus netos. Duay e Bryan (2006 apud SCORALICK-LEMPK; BARBOSA, 2012, p. 650) afirmam que:

[...] além de ser uma forma de exercitar a mente, a aquisição de aprendizagens na velhice permite novas experiências sociais, funcionando como uma estratégia de enfrentamento frente às perdas que ocorrem nessa fase da vida e como uma forma de lazer e obtenção de prazer.

Aprendizagens que não possuem distinções de idades, de certo ou errado. Para ambos, houve muitas perdas causadas pela necessidade dos distanciamentos sociais, assim, deixaram de socializar, de compartilhar experiências de vida, momentos de aprendizagens, saberes, ideias e pensamentos. Além disso, abdicaram de momentos de lazer de acordo com suas necessidades e vontades. Contudo, nessas novas experiências pelas quais estão passando, o processo de

convivência mais próximo e a educação não formal estão os ajudando a enfrentar tais perdas. Como sugere Tomizaki (2010), a educação é uma prática social, que é transpassada por uma série de fatores impostos socialmente, economicamente e politicamente. Mas, também, segundo a autora:

Poderíamos dizer que processos socializadores incidem sobre um espaço fundamental de intersecção entre as gerações: a *transmissão*. Transmitir e herdar são duas facetas de um mesmo movimento que coloca as gerações diante do desafio de definir como devem se conduzir em relação à sua *herança*, que pode ir dos bens estritamente materiais aos totalmente simbólicos, bem como pode ser pensada tanto no plano das microrrelações sociais (como as familiares), quanto em uma dimensão macrossocial (como os sistemas previdenciários, regulados pelo Estado). (TOMIZAKI, 2010, p. 342)

Esse espaço fundamental está acontecendo. Há transmissão de valores e saberes de uma forma muito próxima, rica e com afeto. Heranças simbólicas e afetivas, como, por exemplo, o lanche da tarde escolhido e feito juntos; o pão e o gostoli que a avó ensinou a fazer. Para aquelas que não possuem contato diário, há o carinho na preparação para a chegada das crianças. Brincam as avós Sabrina e Heloísa, ao referirem-se às "guloseimas" e aos "doces por baixo dos panos", uma vez que fazem de tudo para agradá-los. São microrrelações que, com certeza, afetam a forma como as macrorrelações acontecem socialmente, agora e no futuro.

Nesse sentido, como mencionado pelas avós durante a entrevista semiestruturada aplicada de forma *on-line*, a conexão, o afeto e a amizade aumentaram entre eles. A avó Maria traz uma fala linda: "Nós nos aconchegamos juntos". Para 28,6% das avós, a conexão entre elas e seus netos manteve-se igual; já para 57,1%, a conexão aumentou. No que se refere à rigidez, 14,3% acham difícil ser rígida com eles, por conta das aulas *on-line* e de se aproximarem mais afetivamente. No documento *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*, a OMS (2005, p. 54) cita como um ponto importante "fortalecer o vínculo entre as gerações", na parte sobre Envelhecimento e Saúde. Dessa forma, ter acesso a esse vínculo e a essa forma de convívio, relaciona-se com a obtenção de um envelhecimento mais saudável.

Sabemos que o envelhecimento acontece em um contexto que envolve outras pessoas e fatores além de si mesmo. "Esta é a razão pela qual interdependência e solidariedade entre gerações (uma via de mão-dupla, com indivíduos jovens e velhos, onde se dá e se recebe) são princípios relevantes para o envelhecimento

ativo" (OMS, 2005, p. 13). Portanto, há experiências, conhecimentos, saberes, aprendizagens e sentimentos que se transpassam, herdamos, compreendemos e aprendemos juntos.

Juntos, buscam por novas atividades. As crianças percebem e, assim, a comunidade vêem "os idosos como participantes ativos de uma sociedade com integração de idade, contribuintes ativos, e beneficiários do desenvolvimento" (OMS, 2005, p. 44). Os idosos são capazes e não limitados. Claro, possuem certos limites diferentes das crianças, tanto físicos quanto mentais, mas são produtivos. Ao mesmo tempo, as crianças estão tendo a oportunidade de não separarem a vida e a educação. Em casa, as atividades estão sendo pensadas de acordo com o que aprendem na educação escolar formal. Assim, estão sendo preparados para a vida e estão vivendo.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao desenvolver o presente estudo, percebi e constatei como a convivência entre gerações, mais especificamente entre avós e netos no período de pandemia, é preciosa, mas também emblemática e, às vezes, solitária. Inicialmente, se constata a aprendizagem por interação, como, por exemplo, os simples momentos em que acontece a transmissão de saberes e fazeres, como uma herança da cultura familiar e comunitária de geração para geração. Assim, há a motivação diária para o dia seguinte e a busca por brincadeiras e atividades novas, mas, acima de tudo, o pensamento e a empatia com o outro. A significação da relação para além de parentesco, mas de amizade, companhia e diversão.

Vimos a importância da avó no papel familiar, aquela que ainda cuida de todos, mesmo que seus filhos já sejam independentes. No papel familiar, é considerada um dos pilares principais, visto que além de ter criado seus filhos, também se encarrega da educação e cuidado de seus netos. Esse processo ocorre sem dúvidas e sem questionamentos, pois o amor de avó é o mais puro que existe. As avós veem essa convivência com olhos de encantamento, por todos os momentos que passaram juntos e pelas memórias que estão criando. Enquanto algumas precisam se afastar de sua família e, assim, ressignificar os momentos de carinho e afeto.

Observou-se a capacidade de resiliência de ambos nesse período. Houve a imposição de limites, mas, também, soube-se ouvir e entender os do outro. Avós e netos se reinventaram como pessoas e, também, como relação. A convivência fez com que o relacionamento familiar, em algumas famílias, se tornasse parecido com o de pais e filhos. Todavia, o carinho de avó e neto não mudou, bem pelo contrário só cresceu.

Percebe-se, então, o bem que a reciprocidade faz e a vitalidade nas suas vidas. A amizade e o aconchego que se consolidaram. O cuidado das avós em suprir as necessidades dos seus netos, tanto nas vivências sociais, que foram impossibilitadas na pandemia, quanto no afeto. A preocupação em dar a eles toda a atenção, alimentação, ajuda, carinho e cuidados necessários para que se desenvolvam integralmente. A aprendizagem do cuidado, a educação para a vida e a convivência que ficará guardada na memória.

Eu, estudante de Pedagogia, considero que o tema aqui proposto é emergente e se mostra potente para outras investigações, já que é um tema recorrente em nossa sociedade. Em vista que as aulas *on-line* são uma realidade atual, as visitas às casas das avós deixaram de ser um momento somente de acolhimento, mas viraram obrigação. Além de tornarem-se um meio de educação formal e não formal. Por outro lado, outras avós perderam o contato frequente com seus netos e, por isso, vivem isoladas. Pode se tornar um meio de pesquisa para as aprendizagens e saberes que foram construídos: analisar a qualidade; as perdas; as novas formas de viver, estudar e conviver, a partir do momento histórico vivido.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional do Idoso**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2010. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/politica\\_idoso.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/politica_idoso.pdf). Acesso em: 12 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 3 ed. 2 reim. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. 70 p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto\\_idoso\\_3edicao.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf). Acesso em: 10 jun. 2021.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO - Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo: Editora Cortez, 2010. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por). Acesso em: 09 jun. 2021.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Lajeado/RS, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.268-288.404>. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>. Acesso em: 12 jun. 2021.

HAWKES, Kristen. How grandmother effects plus individual variation in frailty shape fertility and mortality: guidance from human–chimpanzee comparisons. **Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)**, Salt Lake City, v. 107 (supl. 2), p. 8977- 8984, Mai. 2010. DOI 10.1073/pnas.0914627107. Disponível em: [https://www.pnas.org/content/107/Supplement\\_2/8977](https://www.pnas.org/content/107/Supplement_2/8977). Acesso em: 28 abr. 2021.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. rev. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2011. 223 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005. 60 p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf). Acesso em: 12 jun. 2021.

SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva *Life-Span*. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 29 (supl.), p. 647-655, out./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/HphbDX8GSnBHpgyVm7D9tyG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 jun. 2021.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>. Acesso em: 12 jun. 2021.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Olá, esta entrevista tem como objetivo investigar a convivência entre avós e crianças na pandemia da Covid-19, enquanto processos educativos intergeracionais voltados à aprendizagem e ao desenvolvimento no cotidiano da educação não escolar. Integra o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e tem a supervisão de um professor da UCS, Delcio Antônio Agliardi. As informações serão para este fim específico e serão preservadas por questões éticas em pesquisa.

Agradeço a sua contribuição na realização do meu projeto de pesquisa!

Perguntas:

1. Como está a sua convivência com seu neto/neta desde que começou a pandemia da Covid-19? O que mudou para você em termos de convivência?
2. Na sua opinião, a conexão entre vocês diminuiu ou melhorou em tempos de pandemia?
3. O que vocês aprenderam juntos?
4. Quais os pontos positivos dessa convivência mais próxima? E os negativos?
5. Avô/avó, o que você aprendeu de novo com o seu neto(a)?
6. Qual a frequência que você tem convívio com o seu neto? Ela é diária, semanal, mensal... e por quanto tempo? 1 hora, 2 horas ou mais?
7. Quando vocês estão juntos, o que fazem?
8. Quando as crianças não estão presentes você sente saudades? Qual o sentimento que fica? Explique.